



**FACULDADE DO SERIDÓ (GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO)
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE PRESENCIAL**

ANA KARLA MEDEIROS

**COMPREENDENDO AS PARTICULARIDADES E PERCEPÇÕES
SENSORIAIS EM PESSOAS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA)**

**CURRAIS NOVOS - RN
2025**

ANA KARLA MEDEIROS

COMPREENDENDO AS PARTICULARIDADES E PERCEPÇÕES
SENSORIAIS EM PESSOAS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA)

Artigo científico apresentado à Faculdade do Seridó
– FAS, como requisito parcial para obtenção de nota
na disciplina de TCC II, do curso de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Esp. Bárbara Nóbrega de
Medeiros Silva.

CURRAIS NOVOS - RN

2025

Dedico este trabalho a Deus, pela força e sabedoria que me concedeu em todos os momentos, iluminando meu caminho e me permitindo chegar até aqui.

RESUMO

O presente artigo analisa as particularidades e percepções sensoriais em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando como as diferenças no processamento sensorial influenciam o comportamento, a aprendizagem e a adaptação ao ambiente. A pesquisa, de natureza bibliográfica, qualitativa e quantitativa, buscou compreender as bases neurobiológicas envolvidas na percepção sensorial, os mecanismos que estruturam essas respostas e suas implicações no cotidiano. Os resultados obtidos indicam que alterações sensoriais, como hipo e hipersensibilidades, são identificadas de maneira consistente por profissionais que convivem com indivíduos autistas, repercutindo diretamente na regulação emocional, nas interações sociais e no desempenho acadêmico. A análise confirma que o impacto do processamento sensorial atípico é profundo e multidimensional, exigindo práticas pedagógicas sensíveis, ambientes acessíveis e formação continuada voltada às necessidades individuais. Conclui-se que a compreensão do perfil sensorial é essencial para intervenções eficazes e para a promoção de uma inclusão genuína, respeitando a singularidade de cada pessoa com TEA.

Palavras-chave: TEA; Processamento sensorial; Particularidades sensoriais; Percepção; Inclusão.

ABSTRACT

This article analyzes the particularities and sensory perceptions of individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD), highlighting how differences in sensory processing influence behavior, learning, and adaptation to the environment. The research, of a bibliographic nature and based on both qualitative and quantitative approaches, sought to understand the neurobiological foundations involved in sensory perception, the mechanisms that structure these responses, and their implications in daily life. The results indicate that sensory alterations, such as hypo- and hypersensitivities, are consistently identified by professionals who interact with autistic individuals, directly affecting emotional regulation, social interactions, and academic performance. The analysis confirms that the impact of atypical sensory processing is profound and multidimensional, requiring sensitive pedagogical practices, accessible environments, and continued professional development tailored to individual needs. It is concluded that understanding the sensory profile is essential for effective interventions and for promoting genuine inclusion, respecting the uniqueness of each person with ASD.

Keywords: TEA; Sensory processing; Sensory particularities; Perception; Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foca nas particularidades sensoriais em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para contextualizar, é fundamental compreender o que são as alterações sensoriais, também conhecidas como Transtorno do Processamento Sensorial (TPS), que se referem a uma condição na qual o cérebro tem dificuldade em receber e responder adequadamente às informações que chegam por meio dos sentidos.

Este trabalho propõe explorar a percepção sensorial em indivíduos com TEA, abordando suas bases neurobiológicas, mecanismos de funcionamento e as implicações dessas variações no cotidiano. Nos últimos anos, o entendimento sobre o processamento sensorial no espectro avançou significativamente, revelando a complexidade da interação humana com o ambiente e a importância de considerar a percepção sensorial como elemento central do comportamento.

Nesse sentido, o transtorno afeta cerca de 1% da população mundial e compromete a forma como o indivíduo percebe o mundo e reage aos estímulos, interferindo nas interações sociais e na comunicação (FULSANG, A. Autismo, Aprendendo a Aprender com Ejner.p.23 2018). Cada pessoa possui um funcionamento sensorial singular e, no autismo, essa organização é frequentemente desequilibrada, ocasionando hipo e hipersensibilidades nos diversos sentidos.

Cada indivíduo possui seus sentidos funcionando de maneira particular, com um ou mais sentidos se desenvolvendo mais do que outros. Normalmente, os sentidos trabalham em conjunto, equilibrando-se para que possíveis deficiências em um sentido não sejam percebidas. No autismo, essa organização se desfaz. Como todos os sentidos podem ser afetados, eles não conseguem se equalizar entre si. Por esse motivo, pessoas no espectro autista frequentemente apresentam hipo e hipersensibilidade sensorial em vários sentidos.

A compreensão dessas necessidades individuais é essencial para uma intervenção eficaz. Estratégias como terapia ocupacional, adaptações ambientais, atividades lúdicas e a atuação conjunta de equipes multiprofissionais são indispensáveis.

Para isso, podem ser exploradas diversas abordagens, que ajude as, adaptações no ambiente, estratégias para o dia a dia e atividades lúdicas, com a colaboração de equipes multiprofissionais. “Integração sensorial é o processo

neurológico que organiza a sensação do próprio corpo e do meio ambiente e torna possível usar o corpo de forma eficaz com o ambiente” (Ayres, 1972).

Diante de todos esses desafios, observa-se que o avanço tecnológico, a acessibilidade e o conhecimento sobre o uso de ferramentas digitais, embora importantes no auxílio ao manejo das alterações sensoriais, ainda permanecem limitados para muitas famílias e profissionais, restringindo o potencial de otimização dos resultados.

É fundamental que a escola e os profissionais trabalhem em conjunto, criando uma rede de apoio que promova o desenvolvimento e o bem-estar da pessoa em pauta. Como cada indivíduo é único, as estratégias devem ser personalizadas, atendendo às suas necessidades específicas. O ambiente seguro, compreensivo que favoreça a autorregulação e a qualidade de vida, ajuda a encontrar padrões de respostas relacionadas às particularidades sensoriais, contribuindo com o planejamento de intervenções para o dia a dia, descobrindo as necessidades especiais e individuais de cada um e como lidar com os desafios. Segundo Dunn (2007), as alterações sensoriais são uma característica central e frequentemente desafiadora, impactando significativamente a interação dos indivíduos com o mundo e sua participação em atividades cotidianas.

A relevância de investigar e compreender profundamente essas particularidades reside no seu impacto substancial sobre o desenvolvimento, o comportamento, a aprendizagem e o aumento do estresse e da ansiedade. Dificuldades sensoriais podem se manifestar em comportamentos desafiadores, limitações funcionais e prejuízos na aprendizagem.

Diante disso, este artigo se justifica pela necessidade de aprofundar o conhecimento sobre características e padrões sensoriais no TEA. O objetivo é compreender o impacto da percepção sensorial na vida diária dos indivíduos, buscando não apenas identificar padrões, mas também desenvolver ferramentas de avaliação mais eficazes e propor estratégias de intervenção baseadas em evidências. Ao fazer isso, o estudo visa preencher uma lacuna importante na compreensão do espectro autista, contribuindo para uma abordagem mais holística e eficaz, que reconheça e valide as experiências sensoriais únicas de cada indivíduo.

Ayres (1972) definiu a integração sensorial como o “processo neurológico de organizar as sensações do próprio corpo e do ambiente, de modo a tornar possível usar o corpo de forma eficaz no ambiente”. Quando esse processo é eficiente, o

indivíduo é capaz de gerar uma resposta adaptativa apropriada e bem-sucedida a uma demanda ambiental.

A terapeuta ocupacional Winnie Dunn é centrada no modelo de Processamento Sensorial de Quatro Quadrantes, que descreve como os indivíduos reagem aos estímulos sensoriais em suas atividades diárias. Baseada nos estudos de Ayres, propôs um modelo abrangente para classificar os padrões de processamento sensorial que se aplicam diretamente ao TEA, combinando limiares neurológicos (a quantidade de estímulo necessária para o cérebro responder) e estratégias de autorregulação (a resposta comportamental do indivíduo).

Compreender as particularidades e percepções sensoriais em pessoas com autismo, é importante para analisar como essas experiências impactam o cotidiano e as relações sociais, ajudando nas intervenções e adaptações ambientais para o desenvolvimento da autonomia e da qualidade de vida.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio neurobiológico complexo, que afeta diversas áreas durante o desenvolvimento do indivíduo, como a comunicação e o comportamento social, trazendo prejuízos ao portador no decorrer da vida (Robertson; Baron-Cohen, 2017). Contudo, para além dessas características centrais, uma dimensão frequentemente presente e de grande impacto na vida de indivíduos com TEA são as alterações no processamento sensorial. Essas particularidades sensoriais que podem se manifestar como hipersensibilidade (resposta exagerada a estímulos sensoriais) ou hipossensibilidade (resposta diminuída ou ausente), influenciam profundamente a percepção do mundo, o comportamento e a participação em atividades diárias.

Nesse sentido, a compreensão aprofundada das alterações sensoriais, é crucial para o desenvolvimento de intervenções eficazes e para a promoção da qualidade de vida desses indivíduos. Historicamente, o foco principal de estudos e intervenções no autismo tem recaído sobre os déficits de comunicação e interação social. No entanto, o reconhecimento crescente da prevalência e do impacto das disfunções sensoriais tem impulsionado a necessidade de uma abordagem mais abrangente, que integre a compreensão do processamento sensorial no modelo de

atenção.

Ao final, espera-se consolidar um panorama que subsidie a prática clínica e educacional, promovendo uma compreensão mais completa e humanizada das experiências sensoriais de pessoas com esse espectro.

2.1 Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o contexto sensorial

O sistema nervoso central de um autista tem dificuldades em receber, organizar e interpretar as informações captadas pelos sentidos, resultando em um processamento sensorial atípico. Isso significa que a pessoa autista pode processar as sensações de forma diferente da maioria das pessoas.

Segundo Ayres (1972), “a integração sensorial é o processo neurológico que organiza as sensações do próprio corpo e do ambiente e torna possível o uso efetivo do corpo dentro do ambiente”.

Por meio de adaptações no ambiente e do uso de estratégias adequadas, é possível reduzir o incômodo causado por estímulos que, em atividades simples, afetam pessoas com TEA. Tais ajustes contribuem para tornar o cotidiano mais leve e previsível. Entre os recursos mais utilizados estão os fones de ouvido, que diminuem a intensidade dos ruídos; óculos de sol ou bonés, que reduzem a luminosidade; roupas confortáveis, que evitam desconfortos táteis; além da criação de espaços seguros, fundamentais para favorecer a autorregulação sensorial.

O apoio terapêutico com foco em integração sensorial (IS), é fundamental para ajudar ao cérebro processar melhor, utilizando atividades e materiais que fornecem as sensações necessárias para a organização sensorial, oferece método estruturado e individualizado para ajudar indivíduos com dificuldades de processamento sensorial a desenvolver respostas adaptativas aos estímulos do ambiente. Diálogo e compreensão são essenciais para reconhecer que a reação sensorial não se trata de “birra” ou “comportamento intencional”, mas sim de uma dificuldade neurológica.

Para Ayres (1972), “O cérebro precisa organizar todas essas sensações se uma pessoa for se mover, aprender e se comportar de maneira produtiva”. Deste modo, “a capacidade de uma pessoa para participar de suas ocupações diárias resulta da interação complexa entre seu perfil sensorial e o contexto em que vive e trabalha” (Dunn, 1997).

Reconhecer e respeitar o perfil sensorial de cada pessoa com TEA, é crucial

para habilidades sociais, aprendizado e autonomia, precisamos de um olhar empático e solidário para com aqueles que lutam todos os dias por dias melhores e mais justos.

2.2 Processamento sensorial

O sistema nervoso central, por onde recebemos informações dos órgãos sensoriais, é um dos pilares para a compreensão e a intervenção no Transtorno do Espectro Autista. Cerca de 40% a 80% das pessoas com esse espectro apresentam alterações no processamento sensorial, sendo que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) inclui a hiper ou hiporreatividade sensorial como um critério diagnóstico para o autismo. Logo, “dificuldades no processamento sensorial em indivíduos com neurodivergências comprometem, em graus variados, o desenvolvimento e a aprendizagem” (Mattos, 2019).

O processamento sensorial atípico no autismo se manifesta em grandes categorias de respostas aos estímulos do ambiente, que afetam o comportamento, a aprendizagem e a regulação emocional da pessoa. Trata-se da forma como o cérebro lida com os dados sensoriais para produzir uma resposta adaptativa e funcional.

O Processamento Sensorial atípico é a chave para entender muitos dos comportamentos que, à primeira vista, parecem ser "birra" ou "desafio", mas são, na verdade, uma crise de desregulação sensorial (o cérebro não está dando conta dos estímulos). O processamento sensorial se manifesta através de dois eixos: limiares neurológicos e estratégias de autorregulação (comportamentos de resposta). A interação entre um limiar alto ou baixo e uma resposta passiva ou ativa resulta em quatro padrões básicos de processamento sensorial (Dunn, 1997, p. 23-35).

Dessa maneira, o processamento sensorial diz respeito à forma como os indivíduos identificam as informações do ambiente e regulam suas respostas comportamentais, o que impacta diretamente sua participação nas atividades diárias, especialmente no modelo de Integração Sensorial de Ayres, dentro da neurociência. O objetivo de um processamento sensorial eficiente é permitir que o indivíduo regule o comportamento e mantenha um nível de atenção e alerta adequado para tarefas e autorregulação.

2.3 Manifestações das alterações sensoriais no TEA

As alterações sensoriais no Transtorno do Espectro Autista, referem-se a

disfunções no processamento e na modulação das informações sensoriais (visuais, auditivas, táteis, olfativas, gustativas, vestibulares e proprioceptivas) pelo sistema nervoso central. Incluem a hipersensibilidade (reação exagerada), hipossensibilidade (reação reduzida).

As manifestações sensoriais variam muito de pessoa para pessoa e podem ser uma mistura de hipersensibilidade e hipossensibilidade nos diferentes sentidos. Sendo assim essas alterações podem levar a reações intensas como desconforto, irritabilidade e agressividade. O diagnóstico e as estratégias de intervenção são frequentemente realizados por profissionais como Terapeutas Ocupacionais (especializados em Integração Sensorial), psicólogos ou neuropediatras.

A presença de alterações sensoriais nesses indivíduos, também tem impulsionado a realização de estudos em que foram utilizados instrumentos para avaliar e traçar um perfil sensorial. Em todas essas pesquisas, buscou-se traduzir, adaptar e validar instrumentos de avaliação sensorial. As análises realizadas, tanto no que se refere à confiabilidade quanto às evidências de validade dos instrumentos, demonstraram de forma consistente que indivíduos com TEA apresentam dificuldades sensoriais significativamente maiores quando comparados a pessoas sem transtornos do neurodesenvolvimento.

Adicionalmente, trabalhos relacionados às bases neurais, têm buscado evidências referentes aos déficits sensoriais. Segundo Gomes, Pedroso e Wagner (2008) o TEA é caracterizado por uma tríade comportamental, que inclui: déficit na comunicação, interesses estereotipados e prejuízos na interação. No que tange às alterações sensoriais, cerca de 94% dos diagnosticados sofrem com algum tipo de comportamento sensorial atípico segundo Lee-kam *et al.* (2007), de 47% a 69% possuem reatividades auditivas (Kamita, *et al.*, 2020), 64% apresentam algum nível de sensibilidade sensorial oral (Chistol, 2018). Além disso outras pesquisas mostraram que cerca de 44% dos indivíduos com TEA apresentam deficiências visuais (Zachi, *et al.*, 2017) e 58% possuem alguma alteração olfativa (Sweigert, *et al.*, 2020).

Para a pessoa com o espectro, o mundo é frequentemente experimentado em um volume, intensidade e velocidade muito diferentes. Não se trata de uma simples preferência ou de "manias", mas sim de uma característica central do neurodesenvolvimento.

Essas diferenças moldam cada interação, tornando sons comuns em alarmes ensurdecadores, ou um toque leve em um estímulo aversivo e doloroso. Compreender

essa realidade é o primeiro e mais importante passo para oferecer suporte efetivo e construir ambientes verdadeiramente inclusivos.

2.4 Impacto e implicações no desenvolvimento e comportamento

O Transtorno do Espectro Autista, é uma condição com uma vasta gama de manifestações e níveis de suporte necessários (níveis 1, 2, 3 do DSM-5). Isso é crucial para entender a variabilidade do impacto, caracterizado por dificuldades persistentes nessas áreas, que variam em grau de intensidade, dificuldades na comunicação social, para iniciar ou manter conversas ou interações sociais, em compartilhar pensamentos, sentimentos e entender a reciprocidade social, comunicação não verbal, usar e compreender contato visual, linguagem corporal, e expressões faciais. O impacto e as implicações do TEA variam significativamente em grau e forma de manifestação, podendo ir de leves a severas e afetar diversas áreas da vida do indivíduo.

É fundamental destacar que, embora o espectro autista, seja uma condição permanente, o impacto pode ser significativamente mitigado por intervenções. A intervenção precoce que é a principal implicação positiva, o diagnóstico precoce e as intervenções multidisciplinares como (fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, entre outros), são cruciais para melhorar o funcionamento cognitivo, social, comunicativo e a autonomia.

A escola precisa de orientação e suporte para criar um ambiente inclusivo e adaptado, respeitando as limitações e potencializando as capacidades únicas como a qualidade de vida com o suporte adequado, muitas pessoas com TEA, especialmente as de grau mais leve ou com intervenção contínua, podem ter uma boa qualidade de vida, inserção social e profissional.

O autismo é um distúrbio que se origina na primeira infância e tem efeitos extremamente desfavoráveis no desenvolvimento social e da comunicação. Uma vez que suas causas ainda não foram identificadas, o autismo não pode ser prevenido, nem existe cura ou mesmo tratamentos particularmente eficazes. Os sintomas do autismo são bastante heterogêneos, mas necessariamente envolvem déficits no relacionamento e na comunicação social, bem como interesses restritos e comportamentos repetitivos (Sigman; Spence, 2005, p. 1).

Os impactos e implicações no desenvolvimento e comportamento de um indivíduo são vastos e complexos, resultando da interação contínua entre fatores

biológicos e o meio ambiente ao longo de toda a vida. O desenvolvimento humano é um processo contínuo, dinâmico e progressivo que é influenciado por diversos fatores inter-relacionados. É crucial notar que o conceito de Neurodiversidade surge para combater o estigma e ver o autismo como uma variação natural do cérebro humano, não como uma doença a ser curada. Esta perspectiva enfatiza a necessidade de escutar e respeitar as diferenças, buscando a inclusão.

Eu penso em imagens, palavras são como uma segunda língua para mim. Eu traduzo as palavras faladas e escritas em filmes coloridos, com som completo, que rodam como uma fita de videocassete na minha cabeça. Desde que me lembro: eu sempre odiei ser abraçada, era como uma grande onda avassaladora de estimulação...a estimulação tátil para mim e muitos autistas é uma situação sem saída. Nossos corpos clamam por contato humano, mas quando o contato é feito, nós nos retraímos em dor e confusão (Grandin; Panek,, 2015, p. 60)

Entendo que os desafios inerentes, podem gerar impactos em diversas esferas do desenvolvimento ao longo da vida, cuja gravidade depende do nível de suporte necessário (níveis 1, 2 ou 3). Sendo assim, são necessárias intervenções precoces, que auxiliem no desenvolvimento, no comportamento e no enfrentamento dos desafios cotidianos, em busca de uma vida com mais autonomia, na qual a pessoa possa gerenciar o próprio tempo e tomar decisões, respeitando seu ritmo. Ser autista não é ser incapaz; é viver em constantes descobertas de si mesmo.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa e quantitativa. Buscando aprofundar a compreensão sobre as particularidades sensoriais presentes em pessoas com TEA, analisamos como o cérebro recebe, modula, integra e organiza estímulos sensoriais como visão, audição, tato, paladar, olfato, equilíbrio, propriocepção e interocepção. A abordagem qualitativa permitiu explorar a subjetividade das experiências sensoriais e os significados atribuídos pelos participantes às situações vivenciadas, enquanto a abordagem quantitativa possibilitou organizar e interpretar os dados obtidos por meio dos gráficos resultantes do questionário aplicado.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário aplicado a professores e cuidadores, contendo perguntas direcionadas à observação e à experiência prática

destes profissionais. Reconhecendo a importância desses participantes no processo de desenvolvimento e cuidado, adotou-se uma abordagem interpretativa, voltada à análise de significados e percepções. Os participantes foram informados sobre os objetivos e os possíveis benefícios da pesquisa.

Os diagnósticos de TEA e deficiência intelectual, referidos na literatura utilizada, foram estabelecidos utilizando-se os critérios do DSM-IV (1994). A contribuição particularmente importante desse tipo de estudo é identificar comportamentos que refletem baixos limiares neurológicos, sensibilidade sensorial e evitação sensorial.

No contexto deste trabalho, o conhecimento sobre esses padrões de respostas sensoriais pode auxiliar na melhor compreensão dos comportamentos estereotipados e repetitivos, frequentemente observados em pessoas com autismo e deficiência intelectual. As conclusões apresentadas em estudos da área destacam que a compreensão da origem da ansiedade, muitas vezes resultante de respostas comportamentais inadequadas e ligada a baixos limiares neurológicos, possibilita intervenções mais pontuais.

O processo de análise dos dados foi conduzido de forma temática, priorizando a interpretação das respostas e das observações feitas no contexto escolar. A triangulação de fontes garantiu maior confiabilidade e coerência entre os dados obtidos e o referencial teórico. As particularidades da percepção sensorial foram analisadas à luz das contribuições de Ayres (1972), Dunn (1997) e Grandin e Panek (2015), cujas teorias permitiram compreender como os estímulos são percebidos, organizados e respondidos pelos indivíduos em questão.

O estudo buscou identificar e analisar os padrões de resposta relacionados às particularidades sensoriais, compreender como essas experiências se manifestam e influenciam o cotidiano dos indivíduos com TEA. O delineamento da pesquisa, de natureza qualitativa, quantitativa e exploratória, possibilitou uma imersão nas narrativas dos participantes, ao mesmo tempo em que permitiu organizar e interpretar os dados numéricos provenientes do questionário aplicado. Essa combinação metodológica favoreceu tanto a descrição aprofundada das manifestações sensoriais quanto a identificação de padrões e recorrências presentes nas experiências relatadas.

As particularidades da percepção sensorial em pessoas com autismo, são manifestações do Transtorno do Processamento Sensorial (TPS), envolvendo a

maneira como o sistema nervoso central recebe, organiza e responde às informações do ambiente e do próprio corpo. A literatura sobre esse assunto é vasta e está fortemente ancorada na terapia ocupacional e na neurociência. Por esse motivo, a pesquisa teve como base artigos publicados entre 2015 e os dias atuais, com referências e citações anteriores a esse período, quando necessário.

Para a compreensão do tema, destacam-se os estudos de Anna Jean Ayres (1920-1988), terapeuta ocupacional e psicóloga educacional, pioneira na integração sensorial. Seu trabalho é pilar das discussões sobre processamento e integração sensorial; ela descreve como o sistema nervoso organiza as sensações para que a pessoa possa usar o corpo de forma eficaz. A disfunção de integração sensorial (DIS), por ela descrita, é utilizada em muitos estudos para caracterizar alterações e suas particularidades sensoriais.

Na continuidade da pesquisa, exploraram-se as avaliações e os perfis sensoriais de Winnie Dunn, professora de educação em terapia ocupacional, especialista em estudos sobre processamento sensorial na vida cotidiana e referência na forma como as particularidades sensoriais são avaliadas e classificadas. Seu modelo classifica padrões de respostas sensoriais em relação ao ambiente.

Grandin, professora, cientista e ativista autista, foi uma das primeiras pessoas dentro do espectro a falar publicamente sobre autismo, tornando-se uma das vozes mais importantes na área, ao oferecer uma perspectiva interna sobre as experiências sensoriais. Sua visão em primeira pessoa esclarece a importância de compreender as experiências subjetivas do indivíduo, (Percepções, aprendizagem e inclusão: Lições De Temple Grandin em o cérebro, 29 de out. De 2025).

Os resultados apresentados na literatura demonstram que a disfunção sensorial impacta diretamente a participação social e as atividades de vida diária. A conclusão central é que o manejo eficaz requer a personalização da intervenção, considerando o perfil sensorial único de cada indivíduo.

A principal limitação deste estudo foi o número reduzido de trabalhos e publicações analisadas, o que restringe a generalização dos resultados. Ainda assim, a pesquisa oferece subsídios relevantes para futuras investigações que aprofundem as estratégias de intervenção sensorial em ambientes escolares.

Além disso, a compreensão dessas particularidades é fundamental para a criação de políticas públicas e para a formação de professores que promovam, de fato, a inclusão plena e o bem-estar da pessoa com esse espectro na sociedade.

Dessa forma, a pesquisa, de natureza qualitativa, quantitativa e bibliográfica, permitiu a triangulação de diferentes fontes de dados, conferindo maior credibilidade ao estudo. Os procedimentos metodológicos adotados garantiram que a coleta e a análise das informações tanto narrativas quanto numéricas fossem conduzidas de maneira sistemática e ética. Essa combinação possibilitou uma compreensão aprofundada das particularidades sensoriais, em alinhamento com os objetivos centrais da investigação, além de fornecer uma base sólida para a apresentação e discussão dos resultados.

A literatura consultada demonstra que as disfunções de processamento sensorial (seja hipersensibilidade ou hipossensibilidade) constituem fator crítico que impacta diretamente a qualidade de vida e a adaptação funcional de indivíduos no espectro. A complexidade do perfil sensorial exige uma abordagem individualizada e especializada, desmistificando intervenções padronizadas. A relevância deste trabalho reside na validação da necessidade de maior conscientização e formação profissional a respeito da dimensão sensorial do transtorno. Ainda que haja limitações, espera-se que os achados aqui reunidos sirvam de subsídio para a criação de ambientes mais inclusivos e acolhedores, tanto na escola quanto na comunidade. O caminho para a inclusão plena passa, inevitavelmente, pelo respeito e pela compreensão do modo único como o indivíduo autista percebe e interage com o mundo.

4 RESULTADOS

A presente pesquisa destina-se a apresentar e discutir os resultados da investigação qualitativa e quantitativa conduzida com o objetivo de compreender as particularidades da percepção sensorial em pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Os dados têm como base as respostas de professores e cuidadores que convivem diretamente com indivíduos autistas, permitindo tanto a interpretação das narrativas quanto a análise numérica apresentada nos gráficos.

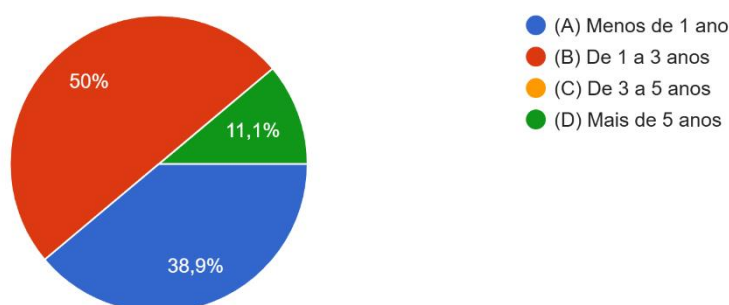
A análise buscou ir além da simples tabulação, oferecendo uma visão aprofundada sobre como os ambientes, as interações e as atividades são percebidas por esses indivíduos, a partir da perspectiva de quem convive e auxilia em seu desenvolvimento. Espera-se que este conjunto de dados contribua significativamente para o entendimento das necessidades específicas e para o aprimoramento de

práticas pedagógicas e de cuidados mais inclusivos e sensíveis.

1. Há quanto tempo você convive ou trabalha diretamente com pessoas com TEA?

Bloco de perguntas objetivas(1 a 6)

18 respostas



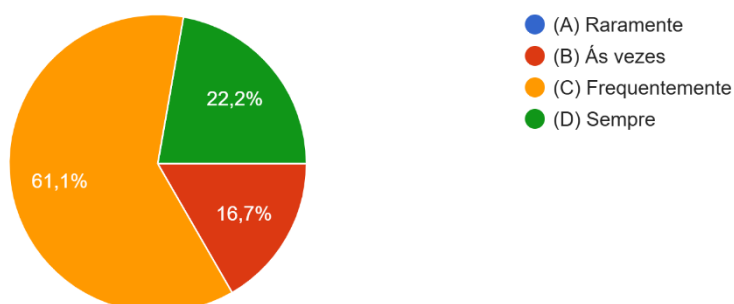
Fonte: acervo da pesquisadora

No Gráfico 1, os dados revelam que a maioria dos participantes possui tempo significativo de convivência com indivíduos autistas. Isso fortalece a confiabilidade das respostas, já que percepções sobre particularidades sensoriais exigem observação consistente ao longo do tempo. Participantes com mais de três anos de experiência tendem a reconhecer com maior precisão sinais de hipo e hipersensibilidade, reforçando a ideia de que o olhar profissional se refina com a prática.

Gráfico 2 – Questão 2

2. Em sua experiência, com que frequência você percebe reações intensas a estímulos sensoriais (sons, luzes, texturas, cheiros, sabores) em pessoas com TEA?

18 respostas



Fonte: acervo da pesquisadora

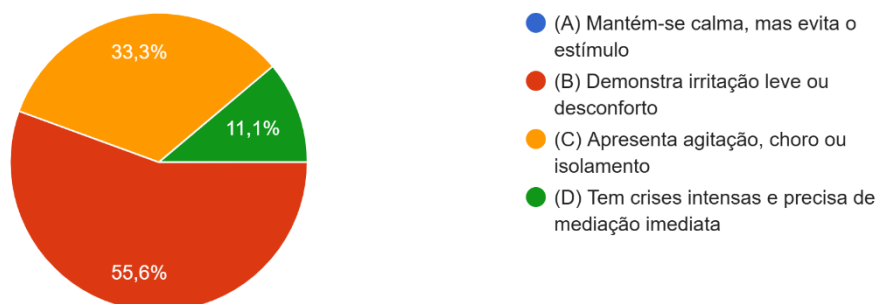
No Gráfico 2, foi possível identificar que reações intensas a estímulos como

sons, luzes e texturas são frequentes. Este achado confirma o que a literatura aponta: alterações sensoriais não são um aspecto secundário, mas um elemento central na experiência autista. A prevalência de respostas que indicam frequência elevada demonstra que o impacto sensorial precisa ser tratado como prioridade nas intervenções escolares e familiares.

Gráfico 3 – Questão 3

3. Quando ocorre uma sobrecarga sensorial (por exemplo, incômodo com barulhos ou luzes), como a pessoa com TEA geralmente reage?

18 respostas



Fonte: acervo da pesquisadora

No Gráfico 3, os dados mostram predominância de comportamentos como agitação, isolamento ou crises sensoriais. Essa informação dialoga diretamente com os estudos de Ayres (1972) e Dunn (1997), que explicam que comportamentos desafiadores muitas vezes são respostas adaptativas a estímulos que ultrapassam o limiar neurológico da criança. Esse achado reforça a necessidade de ambientes sensorialmente regulados.

Gráfico 4 – Questão 4

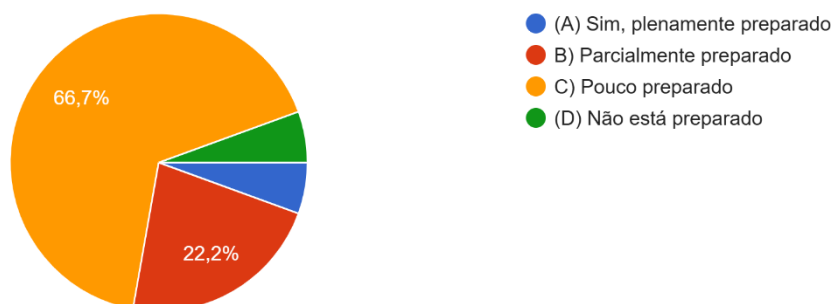
Fonte: acervo da pesquisadora

No Gráfico 4, a estratégia mais apontada foi a redução do estímulo ou retirada do indivíduo do ambiente, seguida pelo uso de objetos de autorregulação. Essas respostas se alinham à literatura sobre intervenção sensorial, que destaca a importância da mediação ambiental como primeira resposta. O dado também demonstra que, embora estratégias existam, ainda há carência de formação continuada para ampliar o repertório de intervenções.

Gráfico 5 – Questão 5

5. Na sua percepção, o ambiente escolar está preparado para atender às particularidades sensoriais de alunos com TEA?

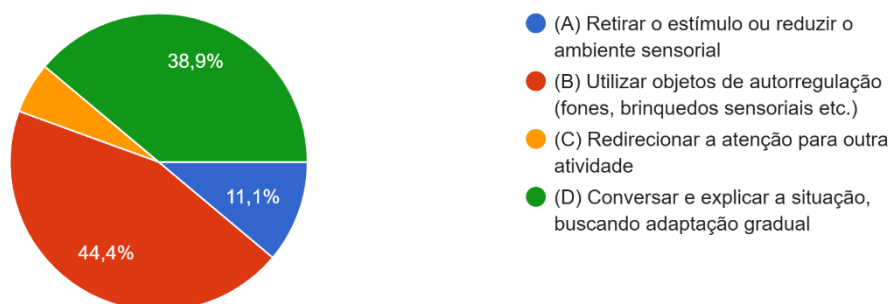
18 respostas



Fonte: acervo da pesquisadora

4. Qual estratégia você considera mais eficaz para lidar com situações de desconforto sensorial?

18 respostas



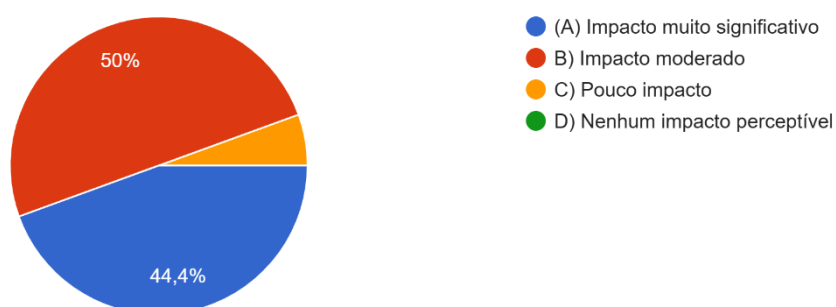
No Gráfico 5, a maioria dos respondentes considera que a escola está apenas

parcialmente preparada. Isso indica que, apesar de avanços na inclusão, os ambientes escolares ainda não oferecem adaptações físicas ou pedagógicas suficientes para atender a perfis sensoriais diversos. Esse resultado reforça a urgência da construção de escolas sensorialmente acessíveis.

Gráfico 6 – Questão 6

6. De modo geral, como você avalia o impacto das particularidades sensoriais no processo de aprendizagem de pessoas com TEA?

18 respostas



Fonte: acervo da pesquisadora

No Gráfico 6, a opinião predominante é a de que as particularidades sensoriais têm impacto significativo na aprendizagem, o que é consistente com os estudos de Dunn (1997), que apontam que o perfil sensorial influencia atenção, foco, comportamento e a forma como o aluno acessa o conteúdo escolar. Esse ponto confirma o objetivo central do estudo: compreender como o sensorial molda a experiência educativa da pessoa com autismo.

Os resultados obtidos demonstram que as particularidades sensoriais são percebidas de forma consistente pelos profissionais que convivem com pessoas autistas e que essas particularidades influenciam diretamente o comportamento, a adaptação ambiental e o processo de aprendizagem. A análise confirma que o impacto sensorial é profundo e multidimensional, exigindo práticas pedagógicas sensíveis e formação específica para educadores e cuidadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou as particularidades da percepção sensorial do

indivíduo no espectro autista, buscando compreender padrões de resposta relacionados ao processamento sensorial e suas implicações no cotidiano. Os resultados reforçam que cada indivíduo apresenta um perfil sensorial singular, exigindo estratégias personalizadas de acompanhamento.

As descobertas permitem refletir sobre como essas percepções afetam diretamente a vida das pessoas autistas e evidenciam a necessidade de colaboração da escola, profissionais de saúde e educação para promover o desenvolvimento integral. A partilha de informações sobre o perfil sensorial contribui para a criação de ambientes consistentes e inclusivos, fortalecendo uma cultura de aceitação e respeito às diferenças.

Para pessoas com essa neurodivergência, a rotina e estratégias claras, são fundamentais para que tenham mais qualidade de vida e aproveitem cada momento em busca de um desenvolvimento pleno. O autismo rompe paradigmas porque, no âmbito dessas respostas, apresenta uma disfunção sensorial que se revela de modos diferentes, cuja biologia não é capaz de formatar completamente. Resta àqueles que convivem com a pessoa autista descobrir suas hipo e hipersensibilidades, a fim de torná-la capaz de se situar no mundo de maneira mais segura e autônoma.

Compreender a experiência sensorial, é reconhecer que comportamentos antes vistos como inadequados são, na verdade, tentativas de comunicação e autorregulação. Essa perspectiva amplia o olhar educativo e terapêutico, substituindo o julgamento pela empatia.

A compreensão aprofundada das particularidades sensoriais não é apenas uma ferramenta clínica e pedagógica; é a chave para desmistificar e criar ambientes genuinamente inclusivos. Ao reconhecer que a hipo ou a hipersensibilidade molda a interação da pessoa autista com o mundo, derrubam-se barreiras de comunicação e de comportamento que muitas vezes são mal interpretadas como resistência ou desinteresse.

Conclui-se que a compreensão das particularidades sensoriais no TEA representa um elemento essencial para a construção de práticas pedagógicas, terapêuticas e sociais verdadeiramente inclusivas. Embora este estudo apresente resultados significativos, ele não se encerra em si mesmo; ao contrário, abre caminho para novas investigações que possam aprofundar o tema e aprimorar estratégias de intervenção sensorial. A valorização da experiência subjetiva do indivíduo autista refina instrumentos de avaliação e qualifica o suporte oferecido, contribuindo para que

sua singularidade não seja apenas reconhecida, mas celebrada em toda a sua complexidade. Assim, reafirma-se que a inclusão plena somente se efetiva quando a sociedade se dispõe a compreender, adaptar-se e acolher a neurodiversidade, promovendo o desenvolvimento integral de cada pessoa e fortalecendo uma cultura de respeito às diferentes formas de perceber e interagir com o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES, J. *Sensory integration and learning disorders*. Los Angeles: Western Psychological Services, 1972.

CHISTOL, L.T., *et al.* Sensory sensitivity and food selectivity in children with autism spectrum disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 48, p. 583-591, 2018.

DUNN, W. The Impact of Sensory Processing Abilities on the Daily Lives of Young Children and Their Families: A Conceptual Model. **Aspen Publisher: Young Children** v. 9, n. 4, p. 23-35, 1997.

DUNN, Winnie. Supporting Children to Participate Successfully in Everyday Life by Using Sensory Processing Knowledge. *Infants & Young Children*, v. 20, n. 2, p. 84-101, 2007

FULSANG, A. **Autismo, Aprendendo a Aprender com Ejner**. v. 1, p. 23 [s.l.: s.n.], 2018.

GOMES, E.; PEDROSO, F. S.; WAGNER, M. B. Hipersensibilidade auditiva no transtorno do espectro autístico. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**. Barueri, v. 20, n. 4, p. 279-284, 2008.

GRANDIN, T.; PANEK, R. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. Trad. Paulo Seligman, Rio de Janeiro: Record, 2015.

KAMITA, M. K., *et al.* Potenciais evocados auditivos de tronco encefálico em crianças com transtorno do espectro do autismo. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v. 96, n.3, p. 386-392, 2018.

KILROY, E.; AZIZ-ZADEH, L.; CERMAK, S. Ayres Theories of Autism and Sensory Integration Revisited: What Contemporary Neuroscience Has to Say. **Brain Sci**, 2019.

LEEKAM, S. R., *et al.* Describing the sensory abnormalities of children and adults with autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, p. 894-910, 2007.

MATTOS, J. C. Alterações sensoriais no Transtorno do Espectro Autista (TEA): implicações no desenvolvimento e na aprendizagem. **Revista Psicopedagogia**, v. 36, n. 109, p. 87-95, 2019.

REVISTA TÓPICOS, Percepções, aprendizagem e inclusão: Lições De Temple Grandin em o cérebro, 29 de out. De 2025). <https://share.google/h1ztREz1YfKIbeZsu>

ROBERTSON, C.; BARON-COHEN, S. Sensory perception in autism. **Nature Review Neuroscience**, v. 18, p. 671-684, 2017.

SIGMAN, M.; SPENCE, S. J. Autismo e seu impacto no desenvolvimento social de crianças pequenas. Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. Elsabbagh M, Clarke ME, eds. tema. **Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância [online]**, 2005. Disponível em: <https://www.encyclopedia-crianca.com/autismo/segundo-especialistas/autismo-e-seu-impacto-no-desenvolvimento-social-de-criancas-pequenas>. Acesso em: 11 nov. 2025.

SWEIGERT, J. R., *et al.* Caracterizando a função olfatória em crianças com transtorno do espectro do autismo e crianças com disfunção do processamento sensorial. **Brain Sciences**, v. 10, p. 362, 2020.

ZACHI, E. C., *et al.* Color Vision Losses in Autism Spectrum Disorders. **Frontiers in Psychology**, v. 8, 2017.